

EMERGÊNCIA E CONVENCIONALIZAÇÃO DA CONSTRUÇÃO V_{LEVE} + SN

Maria Angélica Furtado da CUNHA¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v19i3.3409>

Resumo: Sob a perspectiva teórica da Linguística Funcional Centrada no Uso, este trabalho investiga o surgimento e a convencionalização da construção V_{LEVE} + SN com os verbos leves *dar* e *fazer* empregados em uma configuração triargumental. A análise utiliza dados de escrita coletados em *corpora* que registram o português do Brasil em uso do século XVII ao XXI. O estudo é predominantemente qualitativo, apoiando-se em suporte quantitativo para aferição de tendências. São analisados a ordenação dos argumentos dessa construção, os atributos do SN que acompanha o verbo leve, a preferência por determinados nomes nessa posição e a formação de *chunks*. Os resultados obtidos indicam que a posição que o SN ocupa na oração reflete o grau de fixação e de convencionalização da sequência Verbo_{LEVE} + SN, contribuindo para a constituição de *chunks*. Esses *chunks* desempenham funções discursivo-pragmáticas específicas nos textos em que são usados.

Palavras-chave: Linguística Funcional Centrada no Uso. Emergência. Convencionalização. Verbos leves.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, Rio Grande do Norte, Brasil; Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; angefurtado@gmail.com; <http://orcid.org/0000-0002-3128-6852>

EMERGENCE AND CONVENTIONALIZATION OF THE CONSTRUCTION $V_{\text{LIGHT (GIVE, FAZER)}} + \text{NP}$

Abstract: From a usage-based functional perspective, this work investigates the emergence and conventionalization of the construction with the light verbs *dar* (give) and *fazer* (do) employed in a three-argument configuration in a diachronic view. The analysis is based on writing data collected in corpora that record Brazilian Portuguese in use from the 17th to the 21st century. The study is predominantly qualitative, relying on quantitative support to assess trends. The ordering of the arguments of this construction, the attributes of the NP that accompanies the light verbs, the preference for certain nouns in this position and the formation of chunks are analyzed. The results obtained indicate that the position of the NP in the clause reflects the degree of fixation and regularization of the sequence $\text{Verb}_{\text{LIGHT}} + \text{NP}$, contributing to the constitution of chunks. These chunks perform specific discursive-pragmatic functions in the texts in which they are used.

Keywords: Usage-based Functional Linguistics. Emergence. Conventionalization. Light verbs.

Introdução

Em linhas gerais, o verbo leve é identificado como um verbo que se afasta do seu sentido básico, referencial, formando, com o seu complemento, um todo sintático-semântico. Esse verbo não atribui caso ao substantivo que o segue, o que significa dizer que esse nome não funciona como argumento interno (objeto direto) do verbo (CASTILHO, 2010). Segundo Chafe (1994), o verbo leve (*light verb*) não expressa uma ideia independente do lexema que o acompanha e, por isso, em termos informacionais, não carrega a carga total do custo de ativação. O núcleo do predicado está no nome que acompanha o verbo leve ou, conforme propõe Basílio (2007, p. 2), “a forma nominal é responsável pela particularização do significado”, de modo que o bloco $\text{Verbo}_{\text{LEVE}} + \text{SN}$ recebe uma interpretação global. Em outras palavras, o significado dessa construção não está diretamente relacionado ao significado dos elementos que a compõem.

A observação de dados de língua em uso atesta que há variadas expressões com *dar* e *fazer* leves + SN no português do Brasil. Este trabalho examina as ocorrências com esses verbos empregados em uma configuração triargumental², em que *dar* e *fazer* se

2 Para facilidade de expressão, utilizo *triargumental* para me referir à configuração de *dar* e *fazer* leves visto que, como dito acima, o lexema que ocupa a posição de objeto direto não funciona como argumento interno desses verbos.

afastam do sentido básico, prototípico que têm como verbos plenos: *transferir* e *executar*, respectivamente. A escolha desses verbos deve-se ao fato de que são bastante frequentes tanto na fala quanto na escrita, tal como atestado em pesquisa anterior sobre a construção ditransitiva (FURTADO DA CUNHA, 2019).

A análise toma o suporte teórico-metodológico da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), que se caracteriza pela articulação entre o Funcionalismo norte-americano e a Gramática de Construções (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013; OLIVEIRA; ROSÁRIO, 2016). Essa abordagem possibilita examinar a construção com esses verbos de forma holística, integrando diferentes aspectos do seu uso em textos escritos. A LFCU vincula-se ao que a literatura em inglês intitula *Usage-based Theory* (BYBEE, 2016; HOFFMAN; TROUSDALE, 2013).

Para a Linguística Funcional Centrada no Uso, a gramática emerge e se regulariza à medida que a língua é usada (BARLOW; KEMMER, 2000; BYBEE, 2016, 2011) pelos falantes em suas práticas comunicativas diárias (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2016). A interação entre linguagem, cognição e ambiente sócio-histórico motiva a fixação e a regularização de padrões gramaticais, via repetição de estratégias discursivas recorrentes.

Sendo assim, a LFCU argumenta em favor de uma relação estreita entre a codificação linguística e o uso que os falantes fazem da língua em situações concretas de comunicação. Nesse cenário, a língua é concebida como um sistema adaptativo complexo, uma estrutura plástica, emergente (DU BOIS, 1985; HOPPER, 1987; BYBEE, 2016), que se amolda aos contextos em que é usada. Seguindo a orientação teórica da Linguística Funcional Centrada no Uso em perspectiva construcionista, é possível buscar explicações para o processo de constituição e convencionalização da construção com esses verbos leves, salientando o caráter dinâmico de apreensão, armazenamento e emprego desse formato linguístico verbal. A convencionalização é entendida como a integração de uma inovação em uma tradição de fala ou escrita, tal como evidenciado por materiais textuais (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021). Nesse sentido, uma construção é convencional quando é compartilhada por um grupo de falantes.

Este trabalho identifica os padrões estruturais em que os verbos leves *dar* e *fazer* podem ser empregados e as propriedades dos sintagmas nominais que com eles co-ocorrem, a fim de examinar a fixação desses blocos em *corpora* que registram o português em uso do século XVII ao XXI. Seguem alguns exemplares:

- (1) Fui falar no exterior e o diabo da alma começa a me fazer cócegas para que **eu lhe dê atenção**. (Carta particular, séc. XX. Disponível em: <https://sites.google.com/site/corporaphpb/>. Acesso em: 10 maio 2021)

- (2) Excelentíssimo Senhor, Recebi a carta de Vossa Excelência de 10 do corrente, mais breve do que costumam ser as de que **Vossa Excelência me faz mercê**. (Carta particular, séc. XVI. Disponível em: http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/texts/xml/v_002. Acesso em: 10 maio 2021)

Nas ocorrências destacadas, *dar* e *fazer* leves apresentam três *slots*, que correspondem a participantes na posição de sujeito (*eu* e *Vossa Excelência*), de objeto indireto (*lhe* e *me*) e de “objeto direto” (*atenção* e *mercê*). No caso de *dar*, a presença do objeto indireto demonstra que, apesar de distanciado do seu significado prototípico como verbo pleno, *dar* leve pode conservar a mesma configuração estrutural. Quanto a *fazer*, o padrão triargumental deve-se a um *link* de instanciação³ que esse verbo mantém com a construção ditransitiva. Desse modo, *fazer*, prototipicamente transitivo direto, comporta-se como ditransitivo, admitindo três argumentos, em um processo de aumento de valência (FURTADO DA CUNHA, 2017a).

Para a investigação, recorro à metodologia de análise qualiquantitativa (CUNHA LACERDA, 2016). Procedo a uma descrição formal-funcional desse padrão construcional, observando o comportamento de suas instanciações ao longo do período especificado, atentando para possíveis mudanças linguísticas, para extensões de uso e/ou de significados e para a frequência de ocorrências (frequência de *tokens*) e de tipos construcionais (frequência de *types*).

Este artigo está dividido nas seções seguintes, além desta introdução: primeiramente, descrevo o material de análise; em seguida, examino a ordenação dos argumentos da construção; na sequência, apresento as propriedades dos SN objeto direto; depois, analiso a formação de *chunks*; por último, sumário a discussão empreendida.

Dados dos corpora

Como fonte de dados das sincronias investigadas, foram utilizados os seguintes corpora eletrônicos, cada um deles com 200.000 palavras: Corpus do Português (<https://www.corpusdoportugues.org/>) e Tycho Brahe (<http://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/>) para dados dos séculos XVII, XVIII e XIX; Corpora PHPB (<https://sites.google.com/site/corporaphpb/>) e Corpus CHAVE (<https://www.linguateca.pt/aceso/corpus.php?corpus=CHAVE>) para as ocorrências dos séculos XIX e XX; revistas *Caras* (<https://caras.uol.com.br/>), *Casa* (<https://casa.abril.com.br/>), *Claudia* (<https://claudia.abril.com.br/>).

³ O *link* por instanciação ocorre quando uma dada construção se constitui num caso especial de outra construção (GOLDBERG, 1995).

br/), *Veja* (<https://veja.abril.com.br/>), bem como o jornal *Folha Vitória* (<https://www.folhavitória.com.br/>) para dados do século XXI. Esses *corpora* compreendem os gêneros carta, relato de memória, reportagem, entrevista, coluna e notícia.

A opção por essa larga fatia de tempo, do século XVII ao século XXI, justifica-se na medida em que esse recorte temporal possibilita flagrar usos que podem atestar a emergência e a regularização da construção com os verbos leves *dar* e *fazer*, bem como atestar processos de mudança dessa construção. Evidentemente, trata-se de amostras particulares, as quais, embora amplas, não representam a língua integralmente.

Em relação ao quantitativo de dados, foram coletadas 890 ocorrências (559/63% com *dar* e 331/37% com *fazer*) de orações cujos verbos leves são acompanhados por SN na posição de objeto direto e SN_{PRON} ou SPrep que exerce a função sintática de objeto indireto. No geral, tanto com *dar* quanto com *fazer*, o número de orações decresce de século para século, embora os textos consultados para cada período tenham o mesmo número de palavras (200.000 para cada século). Contrariando essa tendência geral, observa-se um aumento de ocorrência de *fazer* do século XX (5%) para o século XXI (10%). Esse aumento pode estar relacionado ao tipo de gênero, nível de formalidade do texto e respectivo grau de monitoramento em que *fazer* ocorre em cada um desses séculos: *corpus* CHAVE (textos jornalísticos) e PHPB (cartas) para o século XX e revistas *Caras*, *Casa*, *Claudia*, *Veja* e o jornal *Folha Vitória* para o século XXI. É possível que o emprego desse verbo com três elementos nominais, em contraste com sua grade biargumental prototípica, tenha motivado uma frequência maior no século XXI, cuja fonte dos dados é menos formal, à exceção dos textos de *Veja*. Nessa direção, vale destacar que o quantitativo de orações com *fazer* leve triargumental é quase a metade do de *dar*. Conforme a Tabela 1, 36% (314) do total de dados foram coletados no *corpus* do século XVII, reduzindo-se esse percentual para 12% (105) no século XXI.

Tabela 1. Quantitativo dos dados por século

	DAR	FAZER	TOTAL
Séc. XVII	191 (34%)	123 (37%)	314 (36%)
Séc. XVIII	112 (20%)	104 (32%)	216 (24%)
Séc. XIX	99 (18%)	54 (16%)	153 (17%)
Séc. XX	84 (15%)	18 (5%)	102 (11%)
Séc. XXI	73 (13%)	32 (10%)	105 (12%)
	559 (63%)	331 (37%)	890 (100%)

Fonte: Elaboração própria

- | Emergência e convencionalização da construção $V_{\text{LEVE (DAR, FAZER)}} + \text{SN}$

Note-se que, em cada um dos séculos contemplados, o número de ocorrências de *dar* leve é maior do que de *fazer* leve. Esse resultado era esperado visto que *dar* leve, embora se distancie, em muitos casos, do sentido básico de transferência de *dar* pleno, mantém a grade argumental deste. Por outro lado, *fazer* leve se associa a *fazer* pleno, cuja configuração argumental é transitiva direta, daí a menor ocorrência de dados triargumentais com esse verbo.

Ordenação dos argumentos

As ocorrências com os verbos leves *dar* e *fazer* evidenciam diferentes possibilidades de configuração sintática, correspondentes a realizações estruturais variantes de uma mesma construção que é parcialmente não especificada, também denominadas aloconstruções (CAPPELLE, 2006). Nessa linha, observei variação morfossintática do objeto indireto desses verbos, o qual tanto pode ser codificado por SN pronominal (1, 2, 3 e 5) como por SPrep (4 e 6), independentemente de sua ordem na oração, como se vê em:

- (3) Desde que você se foi, em fins de Fevereiro, demonstrando com a sua recusa em não querer ir como das outras vêses, isto é, sem estar ligada à mim, suportando uma separação prolongada e perigosa, **você me deu a confiança** de que enfim eu havia encontrado um estímulo. (Carta particular, séc. XX. Disponível em: <https://sites.google.com/site/corporaphpb/>. Acesso em: 10 maio 2021)
- (4) Os mesmos empresários **que deram apoio ao presidente deposto** fornecem agora estrutura para tucano e seu vice. (Reportagem, séc. XX. Disponível em: https://www.linguateca.pt/acesso/doc_chave.php?doc=F940717-024. Acesso em: 10 maio 2021)
- (5) Consegui, por sua causa vencer umas 80 a 90 folhas do livro, mas não pude vencer as restantes. **Ruy também fez-me as melhores referencias sobre ele**, porém, não foi possível que eu completasse a leitura. (Carta particular, séc. XX. Disponível em: <https://sites.google.com/site/corporaphpb/>. Acesso em: 10 maio 2021)
- (6) **Artistas poderão fazer um tributo à Amy Winehouse** em uma cerimônia anual em Glasgow, na Escócia. (Reportagem, séc. XXI. Disponível em: <https://caras.uol.com.br/arquivo/amy-tributo-em-premiacao.phtml>. Acesso em: 10 maio 2021)

Em termos da ordenação dos argumentos internos, constatei predominância da realização do objeto indireto antes do SN na posição de objeto direto: com *dar* em 82% das orações, e com *fazer* em 96%. Somando as ocorrências de *dar* e *fazer*, obtêm-se 774 (87%) orações em que o objeto indireto precede o “objeto direto”, contra 116 (13%) em que essa ordenação está invertida. Seguem os quantitativos para cada um dos verbos em cada século.

Tabela 2. Ordenação dos argumentos de *dar* leve

	V _ OD	V OD _	TOTAL
Séc XVII	172 (90%)	19 (10%)	191
Séc XVIII	99 (88%)	13 (12%)	112
Séc XIX	83 (84%)	16 (16%)	99
Séc XX	68 (81%)	16 (19%)	84
Séc XXI	34 (11%)	39 (53%)	73
TOTAL	456 (82%)	103 (18%)	559

Fonte: Elaboração própria

Tabela 3. Ordenação dos argumentos de *fazer* leve

	V _ OD	V OD _	TOTAL
Séc XVII	123 (100%)	0	123
Séc XVIII	104 (100%)	0	104
Séc XIX	50 (93%)	4 (7%)	54
Séc XX	15 (83%)	3 (17%)	18
Séc XXI	26 (81%)	6 (19%)	32
	318 (96%)	13 (4%)	331

Fonte: Elaboração própria

Confirma-se, portanto, a tendência de que orações triargumentais com *dar* e *fazer*, sejam estes verbos plenos (FURTADO DA CUNHA, 2017a) ou leves, apresentem o objeto indireto, que se refere a um participante [+humano/+animado] e constitui um subtópico discursivo, antes do objeto direto, o qual, em geral, se refere a um participante [-humano/-animado]. Visto que o referente do objeto indireto é tipicamente humano, ele pode ser conceptualizado como um elemento mais proeminente do que a coisa representada pelo “objeto direto”⁴. Nesse sentido, ratifica-se a existência de motivações semântico-pragmáticas para a ordenação desses argumentos nas orações com *dar* e *fazer*.

⁴ Sobre a correlação entre a ordenação do objeto indireto em referência ao objeto direto, o *status* informacional do objeto indireto e a codificação morfológica desse argumento na construção ditransitiva, ver Furtado da Cunha (2017a).

Há também motivações cognitivas para a configuração triargumental desses verbos, as quais se relacionam aos *frames* que *dar* e *fazer* plenos projetam. Em seu sentido prototípico, o verbo *dar* pleno conceitualiza um evento de transferência física, que envolve um participante animado (Sujeito/Agente) que transfere um objeto (Objeto Direto/Paciente) para uma entidade humana (Objeto Indireto/Recipiente). Por sua vez, o *frame* de *fazer* pleno não projeta um recipiente, uma vez que esse verbo não indica, necessariamente, um evento de transferência; contudo, ele pode ser usado num padrão oracional ditransitivo, veiculando a ideia de uma transferência pretendida. Nas ocorrências triargumentais de *fazer*, o evento codificado envolve um beneficiário (alguém realiza uma ação em benefício de outro) e não um recipiente prototípico (transferência prototípica de eventos de posse)⁵. Desse modo, a depender da classe semântica do verbo leve (*dar* ou *fazer*), as orações triargumentais produzem diferentes implicações quanto ao papel semântico do objeto indireto. Nos casos em que o evento denotado não envolve uma transferência subsequente de posse, como em (2) e (6), o objeto indireto (*me* e *Amy Winehouse*) desempenha o papel de beneficiário e é identificado, como o recipiente, pelo traço [+humano]. É importante reforçar que o substantivo que acompanha o verbo leve e com ele forma um todo sintático-semântico não é um argumento (paciente/objeto direto), mas desempenha a função de predicante, em geral atribuída ao verbo pleno, visto que divide com o verbo leve a função de determinar papéis semânticos da predicação (NEVES, 2000; MACHADO VIEIRA, 2010), como a ocorrência de objeto indireto com papel de recipiente ou beneficiário.

A presença de argumento recipiente nas orações analisadas, portanto, está diretamente relacionada à grade argumental prototípica do verbo *dar* pleno, com sentido básico de transferência; quanto a *fazer*, cujo *frame* não projeta um recipiente, a ocorrência desse argumento também está vinculada ao significado de uma transferência pretendida. Isso quer dizer que quanto mais *dar* e *fazer* se afastam do sentido de transferência e de execução, tanto mais o objeto indireto (OI) não desempenha o papel semântico de recipiente. Nesse sentido, pode-se dizer que há uma motivação cognitiva, relacionada à conceptualização do evento de transferência, que subjaz ao papel semântico que o objeto indireto desempenha nas orações examinadas.

Ainda com respeito ao objeto indireto de *dar* e *fazer* leves, embora conserve as propriedades formais atribuídas a esse elemento (a possibilidade de substituição por

⁵ Assim como o recipiente, o beneficiário é identificado pelo traço [+humano]. Nos eventos de transferência, o recipiente geralmente faz uso da coisa transferida em seu próprio benefício. Esse aspecto é parte da moldura semântica maior associada a esses eventos e se relaciona a uma etapa cronologicamente posterior do ato de transferir (FURTADO DA CUNHA, 2020).

lhe e a introdução pela preposição *a* ou *p(a)ra*, por exemplo), nos casos em que não desempenha o caso semântico prototípico de recipiente, ele se caracteriza como um objeto indireto mais periférico. Nessas ocorrências, *dar* e *fazer* têm significados mais abstratos, socioculturalmente construídos, o que pode motivar esse tipo de OI. Como ilustração, veja-se *para a avalanche de retratos de mulheres deslumbrantes* em (7) e *aos gastos de campanha* em (8).

- (7) Mesmo as mais esclarecidas caem nessa cilada. Pudera! Como **dar as costas para a avalanche de retratos de mulheres deslumbrantes** bombardeadas pela mídia, com a ajuda do programa de tratamento de imagens, o Photoshop, claro! (Coluna, séc. XXI. Disponível em: <https://casa.abril.com.br/bem-estar/aprenda-a-gostar-de-si-mesma/>. Acesso em: 10 maio 2021)
- (8) Nas épocas de campanha, os partidos têm necessidade de receber recursos para **fazer frente aos gastos de campanha**, mas o Dnit não trabalha nessa linha de atuação. (Reportagem, séc. XXI. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/pagot-repete-na-camara-estrategia-usada-no-senado-nega-tudo-e-poupa-o-pt/>. Acesso em: 10 maio 2021)

Nos *corpora* em questão, a ocorrência de OI periférico aumenta ao longo dos séculos para *dar*, com 10% de casos no século XVIII e 53% no século XXI, e para *fazer*, que apresenta o objeto indireto [-humano] a partir do século XIX, com 7% das ocorrências, as quais se elevam a 17% no século XXI. É interessante observar que, no século XVII, dos 19 dados com *dar*, em 5 (26%) deles o nome na posição de objeto direto tem um modificador anteposto, como *bom* em (9). Em contrapartida, das 39 ocorrências no século XXI, em apenas 2 (5%) delas esse participante vem precedido de modificador, como *enorme* em (10). A ausência do modificador é indicativa de maior integração entre o verbo leve e o SN que o acompanha, de modo que, quanto mais próximos tais elementos estão, mais fixado está o bloco, ou seja, representa um *chunk*, como será discutido adiante.

- (9) Quando considero que, depois de tão vários sucessos ordenou Nosso Senhor que esta minha causa viesse ter seu último terno nas mãos de Vossa Mercê e fôsse tal ministro o derradeiro que sôbre ela desse seu parecer, creio que com particular atenção quis o Céu **dar bom fim a este processo**. (Carta familiar, séc. XVII. Disponível em: http://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/texts/xml/m_003. Acesso em: 10 maio 2021)
- (10) Na terça-feira à noite, a Globo estreou duas novas atrações: O Astro (**a qual deu enorme destaque**) e a temporada sem comerciais [...]. (Reportagem, séc. XXI. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/radar/globo-copia-record/>. Acesso em: 10 maio 2021)

- | Emergência e convencionalização da construção $V_{\text{LEVE (DAR, FAZER)}} + \text{SN}$

Tanto a variação no caso semântico do objeto indireto quanto a maior ou menor integração do SN ao verbo leve revelam a gradiência do bloco $\text{Verbo}_{\text{LEVE}} + \text{SN}$. Tal gradiência está relacionada tanto a aspectos da forma, como a inserção de modificador antes do “objeto direto”, quanto a aspectos da função, envolvendo processos metafóricos e/ou metonímicos.

As diferentes configurações estruturais com os verbos leves *dar* e *fazer* podem ser tratadas como aloconstruções (CAPPELLE, 2006), ou seja, variantes gramaticais sincrônicas (PEREK, 2015) de uma mesma construção que expressam conteúdo proposicional semelhante, mas diferem quanto a aspectos cognitivos, pragmáticos e morfossintáticos, conforme visto acima.

Vale notar que nem todos os blocos $\text{Verbo}_{\text{LEVE}} + \text{SN}$ podem ser substituídos por um único verbo, como *dar provas* = *provar* e *fazer referência* = *referir*, por exemplo. Diferentemente do que é comum encontrar na literatura específica, nem sempre o significado dessa sequência de itens corresponde ao de outro verbo da língua. Nesse sentido, pode-se dizer que esses agrupamentos são usados para preencher uma lacuna lexical (NEVES, 1996; CASTILHO, 2010; BAGNO, 2011), o que leva à constatação da impossibilidade de se fixarem fronteiras nítidas entre léxico e gramática, como postula a Linguística Funcional Centrada no Uso (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013; OLIVEIRA; ROSÁRIO, 2016).

Autores como Ilari e Basso (2008) questionam a existência do bloco $\text{Verbo}_{\text{LEVE}} + \text{SN}$ visto que há casos em que existem verbos na língua que recobrem o conteúdo expresso por tal bloco, contrariando, assim, o princípio de economia (JESPERSEN, 1940; HAIMAN, 1983; GIVÓN, 1985, entre outros). Conforme prevê a LFCU, se duas formas têm significados semelhantes, então elas devem desempenhar funções discursivo-pragmáticas diferentes. Nessa direção, pode-se apontar algumas funções discursivo-pragmáticas específicas que a sequência $\text{Verbo}_{\text{LEVE}} + \text{SN}$ exerce nos textos em que ocorre (NEVES, 2000; MACHADO VIEIRA, 2010; BAGNO, 2011). O uso desse bloco propicia a qualificação (11) e a intensificação (12) do SN, em vez de qualificar/intensificar o evento em si:

- (11) É um partido que corre atrás do seu programa e o tempo nele não é o tempo que possa ser comparável com outros que já nascem com estrutura. Tivemos que preparar quadros. Quando eu penso **me dá um cansaço enorme**, doze anos na presidência. (Entrevista, séc. XXI. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/nao-levei-o-grupo-da-marina-ao-serio-admite-penna/>. Acesso em: 29 mar. 2022)

- (12) Convenhamos, é difícil encontrar uma pessoa que não tenha nenhuma qualidade digna de admiração. Ainda mais quando essa pessoa é o homem que você escolheu para casar! Talvez desentendimentos ou a própria rotina (ela mais uma vez) tenham feito **você não dar mais tanto valor aos atributos mais fascinantes dele**. (Coluna, séc. XXI. Disponível em: https://www.folhavoria.com.br/entretenimento/blogs/sexoe_prazer/2013/11/26/como-dar-uma-virada-no-seu-casamento/. Acesso em: 29 mar. 2022)

Além disso, o SN que segue o verbo leve pode expressar um significado especial (diminutivo) que o emprego do verbo pleno correspondente não permitiria:

- (13) Conhece Madame Charpel, a quem os males de seu marido ou os que lhe vieram por outras vias têm posto à dependura, e que parecendo **a preguiça do Brasil anda sempre fazendo mesurinhas à Serpe**, recuando para trás como o caranguejo. (Carta particular, séc. XVIII. Disponível em: http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/texts/xml/c_001. Acesso em: 29 mar. 2022)

Nesse fragmento, o grau diminutivo do SN (*mesurinhas*) não se refere ao tamanho/dimensão do cumprimento/cortesia, mas atribui valor depreciativo (para “menos”) a um estado de coisas considerado negativo (SILVA, 2014).

Ao optar pelo uso de uma sequência Verbo_{LEVE} + SN, o escritor confere ao discurso algum efeito especial, como em (14), em que *lhe dar alguma outra explicação* não poderia ser substituído por *explicar*, sem que houvesse alguma perda semântico-pragmática.

- (14) O ativo Intendente da Polícia examinou todos os cantos da casa, e, encontrando no quarto de cama de minha Avó um móvel que muitas apreensões lhe deu, apesar de o examinar com todo o escrúpulo, exclamou: Senhora Condessa, temos ali uma máquina! Minha Avó, sem **lhe dar alguma outra explicação**, respondeu-lhe: Senhor Intendente, eu nunca menti e por isso lhe digo que é exato: há ali uma máquina. (Relato de memórias, séc. XIX. Disponível em: http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/texts/xml/a_003. Acesso em: 12 maio 2021)

O bloco Verbo_{LEVE} + SN também pode ser usado para indicar o valor reiterativo do evento quando o SN está flexionado no plural, conforme se dá em (15):

- (15) Citarei, em primeiro lugar, Frei Domingos, que considerávamos como irmão de nosso Pai, e que, até a sua derradeira hora, **nos deu provas** de grande afeição e verdadeira amizade. (Relato de memórias, séc. XIX. Disponível em: http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/texts/xml/a_003. Acesso em: 29 mar. 2022)

Ainda uma outra função do agrupamento Verbo_{LEVE} + SN diz respeito à possibilidade de referir-se ao SN por meio de um pronome relativo que encabeça uma oração com o verbo leve, contribuindo para a coesão textual:

- (16) A principal crítica **que fazem ao senhor** diz respeito à sua permanência no comando do PV por mais de doze anos. (Entrevista, séc. XXI. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/nao-levei-o-grupo-da-marina-ao-serio-admite-penna/>. Acesso em: 29 mar. 2022)
- (17) Sem falar no orgulho **que eu daria** à minha mãe ao entrar com meu pai na igreja. (Coluna, séc. XXI. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/sua-vida/como-fazer-um-casamento-bom-e-barato/>. Acesso em: 29 mar. 2022)

Os dados examinados mostram que o uso de *dar* e *fazer* leves + SN, quer exista ou não um verbo pleno correspondente na língua, possibilita não só o acréscimo de outros termos (modificadores, intensificadores) ao SN, mas também a atribuição de um significado especial (valor depreciativo e reiterativo) ao evento ou estado de coisas que a oração descreve. Desse modo, além de um incremento semântico que encarece o significado da sequência formada com o verbo leve, essa sequência tem funções discursivo-pragmáticas específicas.

Propriedades do SN

Examinando as orações com *dar* e *fazer* leves, atestei uma certa preferência pela combinação desses verbos com determinados SN, que variam em sua codificação nas instanciações do século XVII ao século XXI. Os lexemas que formam blocos com *dar* e *fazer* leves exibem certas propriedades, tais como: são, em sua maioria, substantivos abstratos, derivados de verbos (substantivos deverbais ou nominalizações), usados sem determinante. No nível morfológico, esse substantivo tende significativamente a não se flexionar em número (tanto para *dar* como para *fazer*, o percentual de substantivos no plural é de 12% (24 e 13 dados, respectivamente), contra 88% (172 para *dar* e 92 para *fazer*) de substantivos no singular), o que é um forte indicador de perda de referencialidade. Seguem algumas ocorrências:

- (18) Depois da nossa curtíssima conversa de sexta-feira, a qual minha indisposição apenas serviu para desagradar, espero que a impressão desta tarde possa ser esquecida. Sabe que **me dei conta** da situação em que o deixei, depois de examinar bem os ônibus que estavam na rodoviária. (Carta particular, séc. XX. Disponível em: <https://sites.google.com/site/corporaphpb/>. Acesso em: 12 maio 2021)
- (19) Ainda mais, nem a você, nem a qualquer outra que se encontre longe de mim, eu me considero prêso. Têm a liberdade de fazer o que quezer sem **me dar satisfação**, pois eu me considero desligado. (Carta particular, séc. XX. Disponível em: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/cedohs/corpora/AFS/13-OR-22-07-1949.xml>. Acesso em: 12 maio 2021)

Nos fragmentos em (18-19), os substantivos que compõem os agrupamentos, *conta* e *satisfação*, respectivamente, são abstratos, derivados de verbos e não apresentam determinante. *Conta* é um deverbais de *contar*, ao passo que *satisfação* é uma nominalização de *satisfazer*. As Tabelas 4 e 5 exibem os resultados para as propriedades do SN com *dar* e *fazer* leves: os números nas colunas representam as ocorrências de cada propriedade em cada século examinado, ao passo que os números nas linhas correspondem a cada uma das propriedades nos dados de um mesmo século.

Tabela 4. Propriedades do SN que acompanha *dar* por século

SÉCULO	PROPRIEDADES				TOTAL
	-DET	+ABSTR	+DEV	+NOM	
XVII	107 (56%)	183 (96%)	32 (17%)	32 (17%)	191 (100%)
XVIII	69 (62%)	111 (99%)	33 (29%)	8 (7%)	112 (100%)
XIX	43 (43%)	99 (100%)	38 (38%)	17 (17%)	99 (100%)
XX	43 (51%)	83 (99%)	10 (12%)	9 (11%)	84 (100%)
XXI	48 (66%)	70 (96%)	17 (23%)	7 (10%)	73 (100%)
TOTAL	310 (56%)	546 (98%)	130 (23%)	73 (13%)	559 (100%)

Fonte: Elaboração própria

Tabela 5. Propriedades do SN que acompanha *fazer* por século

SÉCULO	PROPRIEDADES				TOTAL
	-DET	+ABSTR	+DEV	+NOM	
XVII	67 (54%)	123 (100%)	11 (9%)	7 (6%)	123 (100%)
XVIII	52 (50%)	102 (98%)	22 (21%)	5 (5%)	104 (100%)
XIX	24 (44%)	54 (100%)	18 (33%)	8 (15%)	54 (100%)
XX	9 (50%)	18 (100%)	5 (28%)	6 (33%)	18 (100%)
XXI	23 (72%)	32 (100%)	6 (19%)	6 (19%)	32 (100%)
TOTAL	175 (53%)	329 (99%)	62 (19%)	32 (10%)	331 (100%)

Fonte: Elaboração própria

Conforme disposto nas Tabelas 4 e 5, as propriedades dos SN mantêm-se relativamente equilibradas para os dois verbos leves e também ao longo dos séculos. Do total de dados analisados com *dar* leve, 56% (310) dos substantivos apresentam-se sem determinante, 98% (546) são abstratos, 23% (130) são deverbais e 13% (73) são nominalizações. Com *fazer* leve, 53% (175) dos substantivos não têm determinante, 99% (329) são abstratos, 19% (62) são deverbais e 10% (32) são nominalizações. Somando-se os deverbais e as nominalizações para os dois verbos leves, chega-se a 297 (34%) ocorrências de substantivos derivados de verbos, resultado que está diretamente relacionado à natureza altamente abstrata 875 (98%) dos lexemas que acompanham *dar* e *fazer* leves. Sendo derivados de verbos, esses substantivos, a depender da semântica do verbo base, tendem a designar ações e, portanto, podem servir como núcleo do predicado, visto que o verbo leve está esvaziado do seu sentido básico, pleno.

No que diz respeito à formação de *chunks* com esses verbos, a pesquisa comprovou uma tendência de uso de determinados nomes com *dar* e *fazer* leves em cada século nos *corpora* examinados. Sardinha (2004) denomina as coocorrências de itens lexicais de *colocados*, palavras que ocorrem com frequência significativa uma ao lado da outra, por exemplo, *dar conta* e *fazer falta*. A análise dos lexemas mais frequentes com cada tipo de verbo possibilita depreender a formação de *chunks*, unidades pré-fabricadas (ERMAN; WARREN, 2000) que resultam da combinação desses verbos com o SN que ocupa o *slot* do objeto direto na construção.

Para Traugott e Trousdale (2021), o aumento no âmbito da colocação, ou a expansão da classe hospedeira, nos termos de Himmelmann (2004), resulta do uso frequente e da repetição de uma construção, o que leva ao aumento da sua produtividade. A análise dos colocados em perspectiva diacrônica utiliza dados de *corpora* para rastrear mudanças históricas em padrões colocacionais, isto é, para rastrear mudanças em itens que

preenchem posições construcionais, como o *slot* do SN na construção com verbos leves, a fim de identificar os colocados mais atraídos em um período em detrimento de outro.

Para *dar* leve, as combinações mais frequentes no século XVII são com os substantivos *graça(s)* (17 dados) e *conta* (13 dados); no século XVIII, *gosto* (12 casos); no século XIX, *notícias* e *beijo*, ambos com 10 ocorrências; no século XX, encontrei *prazer* (6 dados); e, no século XXI, *prazer* (3), *fim* (3) e *início* (4). Note-se que o substantivo *notícias* também é usado no século XVIII (5 casos); *princípio* e *começo*, cujos significados são similares a *início*, são empregados nos séculos XVIII (2 ocorrências de *princípio*) e XXI (2 dados de *princípio* e 2 de *começo*). Para *fazer* leve, no século XVII identifiquei 50 ocorrências de *mercê*; no século XVIII, *honra* (12 dados); no século XIX, *impressão* (5 ocorrências); no século XX, *referência* (4 dados); e no século XXI, *mal* (6 casos). Comparando as ocorrências de todos os séculos investigados, encontra-se o substantivo *honra*, que é usado nos séculos XVII (7 dados), XVIII (12 ocorrências) e XXI (2 casos). O lexema *referência*, por sua vez, aparece também no século XXI (2 dados). O quadro 1 expõe os nomes mais frequentes para cada verbo leve.

Quadro 1. Nomes mais frequentes com *dar* e *fazer* por século

SÉCULO	DAR	FAZER
XVII	graça(s) (17), conta (13), ocasiões (6), satisfação (5), novas (5), enfado (3)	mercê (50), favor (10), honra (7), falta (5), serviço (5)
XVIII	gosto (12), razão (5), notícia (5), tempo (4), ouvidos (3), alívio (3), crédito (3), princípio (2)	honra (12), gosto (5), injúria (4), serviço (7), mal (3)
XIX	notícias (10), provas (5), cuidado (4), beijo (10), princípio (2), começo (2)	impressão (5), falta (4), favor (3), honra (2)
XX	prazer (6), satisfação (3), valor (3), apoio (2)	referência (4), bem (3), falta (2)
XXI	início (4), fim (3), prazer (3), suporte (2), dor de cabeça (2), ordem (2)	mal (6), bem (3), referência (2)

Fonte: Elaboração própria

Evidentemente, fatores de ordem semântico-cognitiva atuam na seleção do colocado que ocorre com *dar* e *fazer*. Ambos os verbos são bastante polissêmicos e podem ser empregados com vários sentidos além do seu significado mais básico ou prototípico (BASÍLIO, 2007). São, assim, usados para formar blocos com alto grau de compactação, em que *dar*, com o significado de *transferir*, *executar*, *causar*, *fazer*, *levar a efeito*, e *fazer*, com o sentido de *efetuar*, *levar a efeito*, *concretizar* se combinam com um nome derivado de um verbo o qual determina o significado da sequência como um todo. Dessa forma, a combinação de *dar* com grande parte dos colocados pode ser interpretada como uma transferência metafórica, em que determinadas conceitos de um domínio-

fonte são projetados em um domínio-alvo por compartilharem alguma correspondência conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1999). Por meio da metáfora “eventos causais como transferências” (GOLDBERG, 1995), causar um evento em uma entidade é entendido como transferir o efeito, conceitualizado como um objeto, para essa entidade. Com determinados colocados, o verbo *dar* é usado para implicar causação, ao passo que em seu sentido básico ele envolve transferência de um agente para um recipiente. O elo entre esses dois sentidos é fornecido pela metáfora, de sorte que o argumento sujeito é a causa do referente do OI ser afetado, de alguma forma, por “receber” o referente do OD. Nesses casos, o referente do nome é transferido a um interlocutor, o referente do argumento recipiente (objeto indireto), e a atividade pode ser metaforicamente interpretada como um evento de transferência cognitiva (HASPELMATH, 2015), por exemplo: *solução, conselho, entendimento, notícia, ordens, licença, razão*. Outros colocados referem-se a sentimentos ou estados mentais ativados no referente do objeto indireto, como *pena, orgulho, furores, ânimo, pressa, gosto, satisfação, calma* etc. Vê-se, portanto, que fatores de ordem semântico-cognitiva estão implicados na ocorrência dessas combinações de Verbo_{LEVE} + SN.

Alguns tipos de colocados, mais frequentes em determinado século, não foram detectados nos séculos seguintes. A sequência *dar graça(s)*, por exemplo, está restrita ao século XVII (17 dados), ao passo que *dar satisfação*, foi constatada tanto no século XVII (5 ocorrências) quanto no século XX (3 dados), *dar notícia* aparece nos séculos XVII (5 dados) e XIX (10 exemplares) e *dar prazer* é registrada nos séculos XX (6 ocorrências) e XXI (3 casos). É importante frisar, contudo, que se trata da análise de *corpora* específicos, limitados a gêneros da escrita. Nessa linha, os achados aqui descritos podem estar relacionados à natureza dos *corpora* investigados, embora tenha havido cuidado em favorecer ambientes semântico-discursivos diferentes que propiciassem uma variedade de usos dos verbos em foco. Logo, não se pode afirmar com segurança que alguns colocados que originalmente eram possíveis no século XVII se tornaram extintos no português moderno. A pesquisa aponta indícios que só podem ser confirmados com a ampliação do *corpus* e dos gêneros discursivos pesquisados.

Formação de *chunks*

O processo cognitivo de domínio geral denominado *chunking* (agrupamento) é responsável pela formação de estruturas mais complexas com base em sequências de elementos simples que frequentemente coocorrem. Do ponto de vista linguístico, essas estruturas correspondem a construções e expressões formulaicas. Sequências repetidas

são embaladas juntas em termos cognitivos de tal modo que a sequência pode ser tomada como uma única unidade (BYBEE, 2016). Tendo como suporte a organização da memória, *chunking* é um processo que tem participação ativa no uso da língua, visto que atua tanto na produção quanto na compreensão dos enunciados linguísticos. Nesse sentido, uma cadeia de palavras pode ser produzida e interpretada mais facilmente se essas palavras são acessadas em conjunto, devido à frequência com que ocorrem nas interações discursivas.

As instanciações da construção com os verbos leves *dar* e *fazer* representam um tipo de construção de estrutura argumental ditransitiva (FURTADO DA CUNHA, 2020), a qual consiste em um *slot* verbal, preenchido por *dar* ou *fazer*, e três *slots* argumentais, correspondentes a um argumento agente (o sujeito), um argumento recipiente (o objeto indireto) e um argumento paciente (o objeto direto). Em menor número, outras instanciações formam *chunks* que correspondem a uma construção de estrutura argumental transitiva, configurada como $SN_1 + V_{LEVE} + SN_2$, como *dar cabimento*, *dar destaque*, *dar chique* e *fazer besteira*, *fazer cena*, *fazer pronunciamento* (SILVA; FURTADO DA CUNHA, 2022; BISPO; FURTADO DA CUNHA, 2022). Uma das características mais importantes das ocorrências da construção com *dar* e *fazer* leves reside no fato de que o sentido do todo, ou seja, do bloco Verbo_{LEVE} + SN, não é mais recuperável a partir do sentido das partes que o compõem⁶. Assim, uma nova unidade de significado emerge.

Considerando a posição do SN em relação ao verbo leve, constatei que, nas sincronias mais recuadas (séculos XVII, XVIII e XIX), os exemplares apresentam maior versatilidade morfosintática, ou seja, as combinações Verbo_{LEVE} + SN não se comportam como uma unidade simples, uma sequência de palavras pré-fabricada, um *chunk*. A título de ilustração, tome-se o substantivo *graça(s)*, o qual, no século XVII, ocorre nos padrões [SN Pro_{REL} Suj OI V], [OI V SN], [V SN OI] e [V OI SN], como se pode ver em (20), (21), (22) e (23), respectivamente. A possibilidade de ordenação variada desse substantivo demonstra que a combinação *dar+graça(s)* ainda não era processada como uma unidade.

- (20) Onde, pois, melhor que em valer-me, poderá Vossa Senhoria empregar seu ânimo e a graça **que Deus lhe deu** com Ene? (Carta familiar, séc. XVII. Disponível em: http://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/texts/xml/m_003. Acesso em: 15 maio 2021)
- (21) Veio-me ao pensamento pedir-vos ~ua cousa - não o faço, porque tenho propósito de não pedir nada; se o adivinhares, entenderei que Deus quer que use dela, senão, também **lhe darei graças** e **lhe pedirei** como sempre vos

6 Para uma discussão sobre o grau de fusão e de composicionalidade entre os elementos constituintes de uma construção, ver Furtado da Cunha e Bispo (2019).

guarde por mui felices anos. (Carta pessoal, séc. XVII. Disponível em: http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/texts/xml/c_003. Acesso em: 15 maio 2021)

- (22) O seu decreto e o meu se passaram juntos. E é muito para **dar graças a Deus** que, fazendo-se tão pouco caso de Dom João da Áustria com oito mil cavalos, se tema tanto a Frei Jorge em uma mula e a António Vieira a pé. (Carta pessoal, séc. XVII. Disponível em: http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/texts/xml/c_003. Acesso em: 15 maio 2021)
- (23) Faz-se diligência pela letra, que irá se vier a tempo, e carta da senhora Dona Ana, que me mandou hoje pedir, por seu filho Dom Manuel, que também da sua parte **desse a Vossa Excelência as graças**, como faço. (Carta pessoal, séc. XVII. Disponível em: http://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/texts/xml/v_002. Acesso em: 15 maio 2021)

Em (20), *graças* está anteposta ao verbo *dar*, substituída pelo pronome relativo. Em (21) e (22), é o objeto indireto (*lhe* e *a Deus*, respectivamente) que ocupa a posição anterior e posterior ao bloco *dar+graças*. Em (23), por sua vez, o objeto indireto (*a Vossa Excelência*) separa o nome (*as graças*) de *dar*.

A mobilidade do substantivo que ocorre com *dar* leve pode ser tomada como evidência de que os *chunks dar graças* e *dar conta* ainda não estavam fixados nos períodos temporalmente mais recuados do PB. Nesse sentido, a posição que o SN ocupa na oração pode indicar o grau de fixação e de convencionalização da sequência $\text{Verbo}_{\text{LEVE}} + \text{SN}$, de tal modo que, se ele estiver imediatamente após o verbo leve, tem-se um *chunk*. Por outro lado, mesmo que haja material morfológico interveniente, distanciando o SN de *dar* ou *fazer*, esse verbo se acha esvaziado do sentido básico que tem como verbo pleno, daí a possibilidade de combinação com lexemas cujos significados, a princípio, seriam incompatíveis com tais verbos. A maior ou menor integração do SN ao verbo leve revela a gradiência no grau de fixação do bloco $\text{Verbo}_{\text{LEVE}} + \text{SN}$, de modo que, quanto mais próximos esses elementos estão, mais fixado está o bloco, ou seja, representa um *chunk*.

É importante ressaltar que, embora a sequência $\text{Verbo}_{\text{LEVE}} + \text{SN}$ seja memorizada e processada como um *chunk*, isso não significa que sua estrutura interna não seja reconhecida. Há casos em que as partes que compõem o *chunk* ainda são identificáveis, como o demonstra a presença de modificadores antes do SN, a exemplo de (9-10). Conforme Bybee (2016), a identificabilidade de partes internas em uma expressão indica seu grau de analisabilidade, ou seja, o reconhecimento de sua estrutura interna.

Em síntese, os textos do século XVII registram a combinação de *dar/fazer* + SN como um agrupamento mais frouxo. Daí em diante, pode-se falar em regularização e convencionalização do *chunk*, evidenciadas pela ordenação mais fixa do SN em relação ao verbo leve, a ausência de determinante antes do nome e de elemento lexical entre os constituintes do bloco e o enfraquecimento do significado do verbo leve. Nessa direção, é possível dizer que o estatuto de um *chunk* na memória organiza-se num *continuum*.

De acordo com o subprincípio da proximidade, os conceitos mais integrados no plano cognitivo também se apresentam com maior grau de aderência morfossintática (GIVÓN, 1984). Na embalagem formal de *chunks*, verifica-se a atuação desse subprincípio, visto que, quanto mais próximos estão os conteúdos no nível da cognição, mais integrados se acham na codificação. As construções linguísticas, nesse viés, são esquemas cognitivos que implicam procedimentos em grande parte rotinizados a fim de que os usuários alcancem os seus propósitos comunicativos. Isso significa que as circunstâncias de uso impactam a representação cognitiva da língua (BYBEE, 2016).

Uma vez que os verbos leves *dar* e *fazer* estão distanciados do significado central que têm como verbos plenos – *transferir* e *executar*, respectivamente – o sentido do *chunk* formado por Verbo_{LEVE} + SN é determinado, em parte, pelas propriedades do SN e, em parte, pelo contexto discursivo. Com relação a *fazer*, que se relaciona à construção ditransitiva por um *link* de instanciação (*fazer*, prototipicamente transitivo, é usado como ditransitivo, admitindo um objeto indireto/recipiente), suas ocorrências são menos transparentes, menos icônicas na relação forma-função e, portanto, seu sancionamento é menor do que o de *dar* nessa configuração triargumental. Identifica-se, para *fazer*, um caso de sancionamento parcial (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021), em que a ocorrência é apenas parcialmente compatível com a construção que o sanciona.

Além do *link* de instanciação, outros *links* relacionais estão implicados na construção com os verbos leves, como o de polissemia e o metafórico (GOLDBERG, 1995). O primeiro revela as relações semânticas entre um verbo e suas extensões de sentido: é o que acontece nas ocorrências em que *dar* e *fazer* estendem seu significado básico de transferência e execução, respectivamente. Por sua vez, o *link* metafórico resulta da projeção de uma noção de um domínio-fonte, mais concreto, para um domínio-alvo, mais abstrato. Nos dois tipos de relação, embora as especificações sintáticas das ocorrências sejam as mesmas, as semânticas são diferentes. O *link* de polissemia pode ser ilustrado por (7), para *dar*, e por (8), para *fazer*, e o metafórico, por (24), para *dar*, e por (9), para *fazer*.

- (7) [...] Como **dar as costas para a avalanche de retratos de mulheres deslumbrantes** bombardeadas pela mídia, [...]

- (8) Nas épocas de campanha, os partidos têm necessidade de receber recursos para **fazer frente aos gastos de campanha**, [...]
- (1) (1) [...] o que posso fazer é **lhe dar um conselho**.
- (9) **Artistas poderão fazer um tributo à Amy Winehouse** em uma cerimônia anual em Glasgow, na Escócia.
- (24) Pensei que você já soubesse ao meu respeito o bastante. Como você diz que não... o que posso fazer é **lhe dar um conselho**. (Carta particular, séc. XX. Disponível em: <https://sites.google.com/site/corporaphpb/>. Acesso em: 29 mar. 2022)

A sequência *dar as costas*, em (7), pode ser interpretada como *desprezar*, ao passo que *fazer frente*, em (8) significa *enfrentar*. Tais significados resultam de extensões de sentido dos verbos *dar* e *fazer* juntamente com a combinação desses verbos com os substantivos que os seguem. Em (24), *conselho* é metaforicamente transferido para o recipiente (*lhe*), da mesma forma que (9) veicula a transferência pretendida de um tributo para o recipiente (*Amy Winehouse*). Esses *links* de polissemia e metafórico são importantes para explicar, em parte, sancionamentos não prototípicos, o que reflete a variação construcional observada no bloco $\text{Verbo}_{\text{LEVE}} + \text{SN}$.

Considerações finais

Com o objetivo de investigar a emergência e a regularização da construção $V_{\text{LEVE (DAR, FAZER)}} + \text{SN}$ sob uma perspectiva funcional de viés construcionista, este trabalho examinou dados de textos escritos no período que vai do século XVII ao século XXI. Partiu da hipótese de que essa construção emerge para satisfazer demandas comunicativas e cognitivas, caminhando da eventualidade do discurso para a regularização gramatical.

A análise dos dados com *dar* e *fazer* leves usados em uma configuração triargumental permitiu constatar variação nos padrões estruturais em que esses verbos podem ser empregados. A maior versatilidade morfossintática das instâncias analisadas nas sincronias mais recuadas associada à maior estabilidade e fixação do bloco *dar/fazer* leves + SN nas sincronias mais recentes possibilitou depreender a formação de *chunks* e, conseqüentemente, a emergência e a convencionalização da construção.

Embora os verbos leves *dar* e *fazer* se afastem do seu sentido básico, adquirindo significados mais abstratos ao longo do tempo, eles contribuem semanticamente para o significado global do bloco, o qual desempenha funções discursivo-pragmáticas

específicas. Desse modo, o significado abstratizado desses elementos posiciona-os entre os verbos plenos e os verbos auxiliares num contínuo de gradiência. As representações de uma dada categoria, nesse caso, a construção com *dar* e *fazer* leves, por um feixe de exemplares resultam do uso frequente dessa categoria, ao mesmo tempo em que permitem, na sincronia, a gradiência de estruturas e, na diacronia, a gradualidade da mudança (BYBEE, 2016).

A gradiência do bloco também está refletida na possibilidade de maior ou menor integração do SN ao V_{LEVE} de sorte que alguns desses *chunks* não podem ser caracterizados como cadeias fixas de palavras. As sequências com *dar* e com *fazer* tanto podem acomodar palavras diferentes na posição do SN quanto podem exibir variação estrutural na ordem dos elementos que as compõem, o que atesta sua produtividade. Na mesma linha, há gradiência também quanto à composicionalidade desses *chunks*, que variam entre significados mais e menos composicionais.

Uma questão ainda em aberto diz respeito à postulação de uma única construção de verbo leve ou a um conjunto de construções, já que esse verbo pode variar. Segundo Brugman (2001), há razões para se considerar que se trate de uma única construção, tendo em vista as propriedades comuns a todos os verbos leves e aos SN que os acompanham. Há, também, razões para argumentar que se trata de um conjunto de construções, na medida que é possível distinguir propriedades formais da construção associadas a cada um dos verbos leves. Conforme comprovam os dados analisados, as instanciações triargumentais com *dar* e *fazer* leves mantêm *links* polissêmicos e metafóricos com os verbos plenos *dar* e *fazer* e, portanto, com a construção ditransitiva, que lhes serve de esquema (FURTADO DA CUNHA, 2017b). Há, então, perda de transparência icônica na relação forma-significado, motivada pelas extensões do significado básico dos verbos. Nessa direção, a construção com os verbos leves *dar* e *fazer* seriam subesquemas dessa construção hierarquicamente mais alta na rede construcional, a qual pode ser caracterizada, nos termos de Perek (2015), como uma superconstrução ou ainda, nos termos de Cappelle (2006), como um construtema.

Referências

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2011.

BARLOW, M.; KEMMER, S. **Usage based models of language**. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

- | Emergência e convencionalização da construção V_{LEVE (DAR, FAZER)} + SN

BASÍLIO, M. M. Construções morfológicas e construções lexicais: expressões V SN com DAR e FAZER. *In: Anais do Congresso de Letras da UERJ*. Rio de Janeiro: Botelho Editora, 2007. p. 1-19.

BISPO, E. B.; FURTADO DA CUNHA, M. A. “Não tomar partido é tomar partido”: *chunks* e ensino de língua portuguesa. *In: OLIVEIRA, M. R.; WILSON, V. (org.). Discurso e gramática: entrelaces e perspectivas*. Curitiba: CRV, 2022. p. 137-158.

BRUGMAN, C. Light verbs and polysemy. *Language Sciences*, v. 23, p. 551-578, 2001.

BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

BYBEE, J. Usage-based theory and grammaticalization. *In: NARROG, H.; HEINE, B. The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011.

CAPPELLE, B. Particle placement and the case for ‘allostructions’. *In: SCHÖNEFELD, Doris. Constructions all over: Case studies and theoretical implications*, 2006. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/31590515>. Acesso em: 10 mar. 2019.

CASTILHO, A. T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CHAFE, W. *Discourse, consciousness, and time: the flow and displacement of conscious experience in speaking and writing*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

CUNHA LACERDA, P. F. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Linguística*, vol. esp., p. 83-101, 2016.

DU BOIS, J. Competing motivations. *In: HAIMAN, J. Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1985. p. 343-366.

ERMAN, B.; WARREN, B. The idiom principle and the open choice principle. *Text-Interdisciplinary Journal for the Study of Discourse*, v. 20, n. 1, p. 29-62, 2000.

FURTADO DA CUNHA, M. A. A semântica da construção ditransitiva em perspectiva diacrônica. *Gragoatá*, v. 25, n. 52, p. 785-808, 2020. Disponível em: <http://https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/40821>. Acesso em: 10 fev. 2022.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Manifestações da construção ditransitiva em duas sincronias. *In*: MATOS, D. P. (org.). **Uso e ensino de língua**: pesquisas e reflexões do Grupo Teorias Linguísticas de Base. João Pessoa: Editora UFPB, 2019. p. 53-70.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Motivações semântico-pragmáticas para a ordenação dos argumentos na construção ditransitiva. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 555-584, 2017a. Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/9793>. Acesso em: 10 fev. 2022.

FURTADO DA CUNHA, M. A. As construções de movimento causado e ditransitiva: elos de polissemia. **D.E.L.T.A.**, v. 33, n. 1, p. 109-132, 2017b. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/issue/view/1725>. Acesso em: 10 fev. 2022.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Pra quem é, bacalhau basta: da opacidade e produtividade das construções idiomáticas. **Revista Soletras**, v. 1, n. 37, p. 103-116, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/issue/view/2103/showToc>. Acesso em: 15 fev. 2022.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. (org.). **Funcionalismo e ensino de gramática**. 2. ed. Natal: EdUFRN, 2016.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). **Linguística centrada no uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013.

GIVÓN, T. Iconicity, isomorphism, and non-arbitrary coding in syntax. *In*: HAIMAN, J. **Iconicity in syntax**. Amsterdam: John Benjamins, 1985. p. 187-218.

GIVÓN, T. **Syntax**: a functional-typological introduction. v. I. New York: Academic Press, 1984.

GOLDBERG, A. **A construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HAIMAN, J. Iconic and economic motivation. **Language**, v. 59, p. 781-819, 1983.

HASPELMATH, M. Ditransitive constructions. **Annual Review of Linguistics**, v. 1, p. 19-41, 2015.

HIMMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticization: opposite or orthogonal? *In*: BISANG, W.; HIMMELMANN, N. P.; WIEMER, B. **What makes grammaticalization?: a look from its fringes and its components**. Berlin: New York: Mouton de Gruyter, 2004. p. 21-42.

HOFFMAN, T.; TROUSDALE, G. **The Oxford handbook of construction grammar**. New York: Oxford University Press, 2013.

HOPPER, P. Emergent grammar. **Berkeley Linguistic Society**, v. 13, p. 139-157, 1987.

ILARI, R.; BASSO, R. M. O verbo. *In*: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil, vol. 2**. Campinas: Unicamp, 2008. p. 163-365.

JESPERSEN, O. **A modern English grammar on historical principles**. London: Allen & Unwin, 1940.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh**. New York: Basic Books, 1999.

MACHADO VIEIRA, M. Perífrases verbo-nominais. **Estudos Linguísticos**, v. 1, p. 409-429, 2010.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NEVES, M. H. de M. Estudo das construções com verbo-suporte. *In*: KATO, M. **Gramática do português falado VI: desenvolvimentos**. Campinas: Ed. Unicamp/FAPESP, 1996. p. 119-54.

OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa Revista de Linguística**, São Paulo, v. 60, n. 2, p. 233-260, 2016.

PEREK, F. **Argument structure in usage-based construction grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 2015.

SARDINHA, T. B. **Linguística de corpus**. São Paulo: Manole, 2004.

SILVA, J. R. **O grau em perspectiva**. São Paulo: Cortez, 2014.

SILVA, J. R.; FURTADO DA CUNHA, M. A. Transitividade e variação construcional. **Revista Odisseia**, v. 7, p. 43-65, 2022. Disponível em: <http://https://periodicos.ufrn.br/odisseia/index>. Acesso em: 20 abr. 2022.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Tradução Taísa Peres de Oliveira e Maria Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: CUNHA, Maria Angélica Furtado da. Emergência e convencionalização da construção $V_{LEVE(DAR, FAZER)} + SN$. **Revista do GEL**, v. 19, n. 3, p. 136-160, 2022. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>

Submetido em: 11/07/2022 | Aceito em: 24/09/2022.
